

Etnoarqueologia do aldeamento de Purificação, em Irará (BA)

Ethnoarchaeology of the aboriginal settlement in Purificação village, in Irará (Bahia)

JUCÉLIA BISPO DOS SANTOS

*Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia
Professora de Teorias Sociológicas da Faculdade Nobre de Feira de Santana*

Master in Ethnic and African Studies for the Federal University of Bahia
Professor of Sociological Theories at Nobre College in Feira de Santana

RESUMO Esta produção destaca as dinâmicas interétnicas que foram articuladas no aldeamento da Purificação, em Irará (BA), uma região que foi alcançada, a partir da segunda metade do século 17, por frentes desbravadoras, que tinham como objetivo expandir o projeto da colonização através da extensão da pecuária no sertão baiano. Neste contexto, a região investigada tornou-se palco de disputas, choques de interesses e ideologias divergentes, que promoveram um projeto de fricção interétnica dos nativos. Nesta trama aparece a história dos jesuítas, dos índios paiaíás e dos negros fugidos que residiam num mesmo espaço. Assim, este trabalho aborda as trajetórias de diversos atores que foram responsáveis pela estruturação deste espaço que tinha a Igreja como a principal responsável administrativa.

PALAVRAS-CHAVE Colonização, índios, negros.

ABSTRACT This dynamic production highlights the relations that have been articulated in the resort of purification, Irará-Bahia, a region that has been achieved since the second half of the 17th century, by exploring fronts, which had to expand the project of colonization by extending Bahian livestock in the hinterland. In this context, the region investigated became the scene of disputes, conflicts, divergent interests and ideologies, which initiated a native interethnic friction. In this scenary, Jesuit history appears, Paiaíás aborigines and runaway African descents, all of whom lived in the same space. Thus, this paper discusses the tracks of various personalities who were responsible for structuring this area that had the Church as the main culprit.

KEY-WORDS Colonization, Indians, blacks.

Introdução

A colonização do município de Irará teve início na segunda metade do século 17 com as entradas de Antônio Guedes de Brito, mestre da Casa da Ponte. Mas antes da chegada da colonização ao sertão, a região de Irará já era habitada pelos indígenas paiaias, pertencentes ao grupo dos quiriris da grande nação dos tapuias. Nessa época, os índios eram vistos como uma população indesejável que deveria ser expulsa das terras para o melhor aproveitamento das potencialidades da colônia. Por outro lado, os indígenas também eram vistos como um reservatório de mão de obra a excitar a cobiça portuguesa. Uma das estratégias utilizadas para “amansar” os indígenas foi a criação de aldeamentos. Com isso, os jesuítas adentraram essa região com o objetivo de catequizar os nativos paiaias por meio de uma perspectiva cristã, a qual estava vinculada ao projeto de ocidentalização do mundo. Assim, os jesuítas trabalhavam com métodos que configuravam a evangelização e o controle dos índios, tentando mantê-los longe dos colonos. E havia, ainda, os responsáveis pela administração local, os legisladores, a justiça, a polícia, cada qual reagindo a seu modo ao contato interétnico.

O aldeamento da Purificação, atual Irará, foi criado na segunda metade do século 17, com a expectativa de controlar a população nativa. Um dos marcos da presença dos jesuítas na região de Irará procede da construção de um colégio em Água Fria, em 1562.¹ As vilas, isto é, as cidades que emergiram da sesmária de Água Fria, (dentre elas, a antiga Vila da Purificação, atual Irará) são todas provenientes dos aldeamentos jesuíticos que foram instalados na região nesse período. Portanto, cidades como o distrito sede do município de Irará tiveram como sítio histórico as antigas vilas formadas pelos jesuítas na segunda metade do século 17.

Vale salientar que atualmente encontram-se marcas arqueológicas desse aldeamento na Serra de Irará, que se localiza a noroeste deste município, distante seis quilômetros do distrito-sede. Nos dias atuais, o sítio arqueológico do antigo aldeamento da Purificação recebe variadas denominações, e é dividido pelas seguintes comunidades rurais: Açogue Velho, Tapera, Olhos

Introduction

The colonization of Irará town began in the second half of the seventeenth century with the entrances of Antonio Guedes Brito, master of the House of The Bridge. But, before the colonization reached the hinterland, the region of Irará had already been inhabited by Paiaias aboriginals who belonged to Quiriris group of the great nation of the Tapuias. At that time, the aborigines were seen as an undesirable population that would have to be banished from their lands in order to have a better exploitation of the potentialities of the colony. The aborigines were also seen as a reservoir of man's power which excited the Portuguese's envy. One of the strategies which was used “to tame” the aborigines were the creation of aborigines settlements. Thus, the Jesuits reach this region aiming to colonize the natives Paiaias through a Christian perspective, which was tied with the project of westernization of the world. Thus, the Jesuits worked with methods that configured the evangelization and control of the aborigines, by trying to keep them far from the colonists. Besides, there were those responsible ones for the local administration, the legislators, justice representatives, the police, each one reacting its own way against the interethnic contact.

The aborigines settlement named Purification then, known today as Irará town, was founded in the second half of seventeenth century, with the expectation to control the native population. One of landmarks of the presence of the Jesuits in Irará region dates from the construction of an Elementary and Secondary School in Água Fria, in 1562¹. The villages, the cities that had emerged from Água Fria, (the old village of the Purificação, current Irará, was among them) are all derived from the Jesuits'indian settlements that had been installed in the region in that period. Therefore, towns like the district headquarter of Irará had the old villages formed by the Jesuits as historical sitios in the second half of seventeenth century.

It is important to point out that, currently, archaeological marks of that aboriginals settlement are found in Irará Mountain which is located in the northwest of Irará and six kilometers far from the

¹ SENA, Consuelo Pondé de. *Introdução ao estudo de uma comunidade do Agreste baiano*: Itapicuru, 1830-1892. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. 242 p.: il. (Coleção Cabralia, v. 8). Publicação da Fundação Cultural do Estado da Bahia.

¹ SENA, Consuelo Pondé de. **Introduction to the study of a community of Bahian Westland**: Itapicuru, 1830/1892. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979. 242 P.: il. (Cabrália Collection, v.8). Publication of Fundação Cultural do Estado da Bahia.

district headquarter. Nowadays, the archaeological sitio of old Purificação aboriginal settlement receives several denominations, and it is divided by the following agricultural communities: Açougue Velho, Tapera, Olhos d'água, Olaria, Caroba, Ingazeira, Brotas, Mangueira, Serino, Largo, Quebra Fogo, Jurema dos Milagres, Cerca de Pedras, Murici, Crioulo, Cardoso, Crioulo, Serra do Cruzeiro, Urubu, Periquito e Fazenda Flor. Such localities had been parts of the last lands of the aboriginal protected reserve that were demarcated, in the second half of seventeenth century.

The chapel of Nossa Senhora da Conceição was constructed in 1726, in the current Village of Bento Simões, which was part of the main land (MORGADO²) of Bento Simões, Portuguese by birth, from São Cosme do Valley, in Portugal.

Bento Simões died and let his inheritance to the Priest named José Simões, his brother. That inheritance included the lands that today enclose the region of the Village of Nossa Senhora da Conceição. The corpse of the Priest José Simões is buried in that chapel (he died in 1763³). Besides this tomb, there are others in that chapel which belong to the following people: Maria Dilphina da Costa Pinto (Condess de Sergimirim, she died in 1846); Major Francisco Antônio da Costa Pinto (he died in 1863); Antônio da Costa Pinto (Count de Sergimirim, deceased in 1880), among others. The walls of that chapel had been constructed with rocks and whale oil. Its lining is covered of elaborated paintings. The altar (golden) has images of the century XVIII. Its interior was modified and, in the beginning of the twentieth century. An external reform was done to restore the building. The wooden altar in colonial style shows images of the transition of the baroque style to the rococo one, where paintings of illusionist⁴ perspective were very typical then. This chapel was overthrown by the Institute of Historic Properties of Bahia in 1929.

The chapel named Nossa Senhora do Livramento was constructed in 1756, in the current town of Car-

D'Água, Olaria, Caroba, Ingazeira, Brotas, Mangueira, Serino, Largo, Quebra Fogo, Jurema dos Milagres, Cerca de Pedras, Murici, Crioulo, Cardoso, Serra do Cruzeiro, Urubu, Periquito e Fazenda Flor. Tais localidades fizeram parte das últimas terras da reserva indígena, que fora demarcada na segunda metade do século 17.

A capela de Nossa Senhora da Conceição foi construída em 1726, na atual Vila de Bento Simões, que fazia parte do morgado² de Bento Simões, português de nascimento, originário de São Cosme do Vale, Portugal.

Bento Simões faleceu e deixou de herança para o padre José Simões, seu irmão, as terras que hoje abrangem a região da Vila de Nossa Senhora da Conceição. O corpo do padre José Simões, falecido em 1763,³ encontra-se enterrado naquela capela. Além desse túmulo, encontram-se outros nesta capela: Maria Dilphina da Costa Pinto, condessa de Sergimirim, falecida em 1846; major Francisco Antônio da Costa Pinto, falecido em 1863; Antônio da Costa Pinto, conde de Sergimirim, falecido em 1880, dentre outros. As paredes dessa capela foram construídas com pedras e óleo de baleia. Seu forro é coberto de elaboradas pinturas. O altar (dourado) possui imagens do século 18. O seu interior foi modificado e, a partir do século 20, uma reforma externa restaurou o prédio. O altar de madeira, em estilo colonial, mostra imagens da transição do barroco para o rococó, em que eram típicas principalmente pinturas de perspectiva ilusionista.⁴ Esta capela foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico da Bahia em 1929.

A capela de Nossa Senhora do Livramento foi construída em 1756, no atual povoado de Caroba. O templo apresenta a capela, o retábulo, o altar-mor e o arco central decorados com talhas douradas. Um belíssimo nicho no centro do altar guarda a imagem de Nossa Senhora do Livramento. Há painéis pintados e talhas com douração no forro da nave e em toda a parede, onde estão o arco cruzeiro e os altares colaterais. Um dos painéis ressalta uma grande figura de Nossa Senhora do

² FIRST-BORN SON, of Latin *maioricatu*, that he means the first-born, heir of the goods or tied properties, what it means that these lands could not be divided.

³ HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *New Dictionary*, Ed. 2ª, p. 1160. Description of Bento Simões. City department of Irará, 1990.

⁴ OLIVEIRA, Mário Mendonça de. The chapel of Conceição de Bento Simões. *Magazine of Culture of the Bahia*. Salvador: SEC, 7-13, jan/ten, 1972.

² MORGADO, do latim *maioricatu*, que significa o primogênito, herdeiro dos bens ou propriedades vinculadas, o que significa que essas terras não poderiam ser divididas. HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário*, Ed. 2ª, p. 1.160.

³ *Histórico de Bento Simões*. Secretaria Municipal de Irará, 1990.

⁴ OLIVEIRA, Mário Mendonça de. *A capela de Conceição de Bento Simões*. *Revista de Cultura da Bahia*. Salvador: SEC, 7-13, jan/dez, 1972.

Livramento, ladeada de anjos, carregando uma pomba em uma de suas mãos, o símbolo do Espírito Santo. As paredes estão revestidas com painéis de azulejos decorados com tinta azul.

A Capela de Nossa Senhora da Purificação dos Campos ficava onde hoje se encontra a atual Praça da Purificação, em Irará. Ela foi demolida na década de 30 do século 20, quando Elísio Santana era prefeito da cidade.

Na época em que os jesuítas residiam em Irará, essas capelas desenvolviam e coordenavam a administração das capelas e das aldeias. Esses espaços eram habitados pelos administradores que eram ligados a missões jesuíticas, voltadas aos índios e aos negros fugidos.⁵ Assim, eles davam apoio às autoridades civis na administração das terras distantes dos grandes centros produtivos. Desta forma, a cristianização foi utilizada para garantir a coercitividade dos temidos sertões.

Para os missionários que ocuparam a região de Irará, esses empreendimentos tinham como objetivo principal a transformação dos nativos, os indígenas paiaíás, que seriam catequizados e tidos por “civilizados”, saindo do estado da dita barbárie em que se encontravam. Ou seja, seriam transformados em cristãos, verdadeiros “homens bons”. Com a expulsão dos jesuítas, ocorreu a criação de vilas e a incorporação dos contingentes indígenas à população colonial, que não só dificultavam a manutenção das terras designadas, como pareciam dar suporte às declarações acerca da inexistência de indígenas “puros”. Enfim, esta estrutura administrativa dos colonizadores promoveu, segundo Roberto Cardoso de Oliveira, a noção de fricção interétnica através da dominação da sociedade complexa dos brancos sobre as sociedades indígenas.⁶

Em torno das capelas os jesuítas organizaram as roças, que eram utilizadas para “amansar” os indígenas, pois o trabalho era visto como uma estratégia de disciplinaçãõ.⁷ Assim, os jesuítas desenvolviam dois objetivos bem definidos: o de ensinar a religião e o de explorar o território. Portanto, a missão desenvolvia

oba. The temple presents the chapel, the decorated altar-mor and the central arc with golden cuts. A gorgeous niche in the center of the altar keeps the image of Nossa Senhora do Livramento. It has painted panels and cuts with golden details in the lining and all of the wall, where the cruise arc and lateral altars are located. One of the panels shows a great figure of Nossa Senhora do Livramento, with angels all around her, carrying a dove in one of her hands, the symbol of the Holy Spirit. The walls are covered with tile panels decorated with blue paint. The Chapel of Nossa Senhora da Purificação dos Campos was where today the current Purificação Plaza is, in Irará. It was demolished in the 30s of the twentieth century, when Elísio Santana was the mayor of the town. At the time that the Jesuits lived in Irará, those chapels developed and coordinated the administration of the other small chapels and the villages. Those spaces were inhabited by the administrators who were on the Jesuit missions to the indians and the (run away African Brazilians)⁵. Thus, they gave support to the civil authorities, in the administration of distant lands of the great productive centers. In such a way, evangelization was used to guarantee the coercion of the feared hinterlands.

For the missionaries who established in the region of Irará, those enterprises had as main objective the transformation of the natives, Paiaíás who, would be evangelized, in other words, they would be considered “civilized ones”, leaving behind their state of barbarity in which they had been found, according to their colonizers point of view. That is to say, they would be transformed into Christians, true “good men”. With the expulsion of the Jesuits, the creation of villages occurred and the incorporation of the aboriginal contingents to the colonial population, that not only made it difficult for the maintenance of assigned lands, as they seemed to give support to the declarations concerning the inexistence of “pure” aborigines. At last, this administrative structure of the colonizers promoted what Robert Cardoso de Oliveira, with the interethnic ... frictional notion, through the domination of the complex society of the whites on the aboriginal societies severe colonization. Around the chapels, the Jesuits had organized small crops, which

⁵ GALVÃO. Mons. Renato de Andrade. *Os povoadores da região de Feira de Santana*. Manuscritos do Livro de memória da região de Feira de Santana. Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana.

⁶ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (1964, pp. 127-133; também em *América Latina*, ano V, nº 3, 1962, pp. 85-90), sob o patrocínio do Centro Latino-Americano de pesquisas em Ciências Sociais e do Museu Nacional.

⁷ ALMEIDA, Maria Celestino de. *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

⁵ GALVÃO. Mons. Renato de Andrade. The settlers of the region of Feira de Santana. Manuscripts of the Book of memory of the region of Feira de Santana. Museum Marries of the Hinterland. State University of Feira de Santana.

they used as a strategy “to tame” the aboriginals, therefore the work were seen as a disciplinary⁶ one. Thus, Jesuits developed two well definite objectives: to teach the religion and to explore the territory; therefore, the mission developed the formation of a reserve of powerful men for the growth of the colony. By doing so, the Indian settlements functioned by taking into account that in them some interests had to be crossed and those were like: of the local authorities, of the colonial administrators, the provincial bureaucracy, its civil directors, the white populations who lived in its surroundings, of the Jesuit priests and the aborigines⁷. Therefore, these spaces had sheltered an agricultural production, in a style that can be characterized as a work done by the category of farm labors⁸. From what has been discussed so far, it is intended to investigate the history of the aboriginal settlement in Purificação and the dynamic interethnic relations that had been articulated in that space according to the following justification.

1. Theoretical Considerations

The objective of this work is centered in the Ethnoarchaeological study of the aboriginal settlement in Purificação. Thus, it is intended to point out the context where the ethnicity of the peoples who had inhabited that region had been configured, throughout the years: aboriginals, caboclos and Quilombolas. To do so, we will base our work on a review of research that deals with the ethnic identity, the space and archaeology in relation to the missionary themes. As a starting point, we will use the bibliographical productions on the Brazilian Jesuits reductions, known up to now, since this is still a subject which is scarcely known, mainly, due to dispersion of their the sources. One of the problematic issues that lasted in the course of the ar-

a formação de uma reserva de mão de obra para o crescimento da colônia. Dessa forma, os aldeamentos funcionavam levando em conta que neles se cruzavam os interesses das autoridades locais, dos administradores coloniais, da burocracia provincial, dos seus diretores civis, das populações brancas que viviam em seu entorno, dos padres jesuítas e dos índios.⁸ Portanto, esses espaços abrigaram uma produção agrícola num estilo de trabalho característico da categoria de roceiros.⁹ A partir do exposto, pretende-se pesquisar a história do aldeamento da Purificação e das dinâmicas interétnicas que foram articuladas neste espaço diante das justificativas que se seguem.

1. Considerações Teórico-Methodológicas

O objetivo deste trabalho está centrado no estudo etnoarqueológico do aldeamento da Purificação. Assim, pretende-se apontar o contexto em que se configuraram a etnicidade dos povos que habitaram esta região ao longo dos anos: indígenas, caboclos e quilombolas. Para tal, tomaremos por base uma revisão bibliográfica das pesquisas que tratam da identidade étnica, do espaço e arqueologia em relação à temática das missões. Como ponto de partida, utilizaremos as produções bibliográficas sobre as reduções jesuíticas brasileiras, conhecidas até o presente momento, tendo em vista que este ainda é um assunto pouco conhecido, principalmente, devido à dispersão das fontes.

Uma das problemáticas que perduraram no andamento das pesquisas arqueológicas sobre as populações indígenas foi a de demonstrar uma diferença entre essas e aquelas que povoaram grande parte do litoral brasileiro. Para fundamentar a especificidade dos aldeamentos jesuíticos, vários especialistas recorreram a fontes históricas e etnográficas, valendo-se da analogia para demonstrar aspectos da cultura material, característicos somente a este grupo. Como consequência, a interpretação destas fontes priorizou-se por levantar apenas aqueles aspectos unificadores da cultura material, sem se dar conta de elementos singulares que não poderiam ser generalizados a todos os grupos indígenas.

⁶ ALMEIDA, Celestino Maria de. *Aboriginal metamorphoses: identity and culture in the colonial villages of Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: National archive, 2003.

⁷ FREIRE, José R. *The Aldeamentos Aboriginal of Rio de Janeiro*. UERJ/DEPEXT/SR-3. Rio de Janeiro. 1997. DAYS, Marcelo Enrique. *The economic insertion of the jesuític aldeamentos in the captainship of Ilhéus*. Communication presented to XVII the Cycle of Historical Studies: UESC, 2004.

⁸ DIAS, Marcelo Henrique. *The economic insertion of the jesuític aldeamentos in the captainship of Ilhéus*. Communication presented to the XVII Cycle of Historical Studies: UESC, 2004

⁸ FREIRE, José R. *Os Aldeamentos Indígenas do Rio de Janeiro*. UERJ/DEPEXT/SR-3. Rio de Janeiro. 1997.

⁹ DIAS, Marcelo Henrique. *A inserção econômica dos aldeamentos jesuític na capitania de Ilhéus*. Comunicação apresentada ao XVII Ciclo de Estudos Históricos: UESC, 2004.

Na contemporaneidade, diferentes pesquisas têm possibilitado pensar em novas problemáticas para a temática dos aldeamentos jesuíticos. De tal forma, que um novo diálogo entre as disciplinas de Antropologia, História e Arqueologia pode promover outras interpretações sobre o passado e o presente dessas populações. É neste caminho que se procura trilhar ao sugerir uma Etnoarqueologia do aldeamento da Purificação, visto que a Etnoarqueologia caracteriza-se por propor uma forma de estudo interdisciplinar em que a compreensão de vestígios materiais do passado pode ser feita como um testemunho dos comportamentos humanos pelo intercruzamento de dados de diferentes naturezas.

Sabe-se que a história da pesquisa arqueológica, de um modo geral, é marcada por seu constante diálogo com disciplinas afins, como a História e a Antropologia. Na Etnoarqueologia esta compreensão se efetiva, portanto, por meio de um método analógico, comparando fatos materiais consequentes de comportamentos observados no tempo presente. Ou seja, as fontes documentais são analisadas juntamente com os testemunhos arqueológicos. Desta forma, está se pensando aqui numa Etnoarqueologia que contribua não só para interpretarmos o passado por meio do presente, mas também o presente com uma perspectiva histórica, contemplando o passado.

Uma das formas de se fazer a história dos povos indígenas no Nordeste recebe uma abordagem que trata do contato desses povos com os civilizados. Acredita-se que alguns dos povos indígenas nordestinos tiveram seus costumes e traços étnico-raciais modificados pela concentração de etnias diversas. Outra perspectiva historiográfica destaca os aspectos econômicos, políticos e conflituosos das relações interétnicas. Nesta última abordagem o conceito de fricção interétnica toma a questão indígena como motivação para se pensar a sociedade nacional, através da presença de algum modo “incômoda dos grupos tribais” (OLIVEIRA, 1976). Neste aspecto, o índio era um indicador sociológico para aqueles que estudavam a sociedade nacional, seu processo expansionista e sua luta para o desenvolvimento.

O estudo do contato interétnico constituiu uma contribuição mais original da Antropologia feita no país. A transformação dessa preocupação em tema genuinamente acadêmico ocorreu nas décadas de 1950 e 1960 com os estudos de Darcy Ribeiro, que centrou seu objeto na direção do indigenismo que

archaeological research on the aboriginal populations was to demonstrate the difference between these populations and those that had populated great part of the Brazilian coast. To substantiate the specificity of the Jesuits settlements, several specialists had appealed to the historical and ethnographic sources, by using the analogy to simply show aspects of the material culture which was a characteristic related to this group. As a consequence, the interpretation of these sources was prioritized for considering only those unifying aspects of the material culture, without giving account of singular elements that could not be generalized to all the aboriginal groups. In the contemporaneous context, different research has made possible to think about new problematic for the Jesuits Indian settlements issues. That has been done in such a way that a new dialogue among anthropology, history and archaeology can promote other interpretations about the past and the present of these populations. It is in this way that one looks forward to carrying on a research by suggesting an Ethnoarchaeology of the indian settling in Purificação village. Since the Ethnoarchaeology is characterized for considering an interdisciplinary study form, in which the understanding of material traces of the past can be made as a certification of the human behaviors through the intercrossing of data of different natures.

It is known that the history of the archaeological research, in a general way, is marked by its constant dialogue with similar discipline as History as well as the Anthropology. In the Ethnoarchaeology this understanding becomes effective through an analogical method, by comparing consequent material facts of behaviors observed in the present time. That is, the documentary sources are analyzed together with the archaeological certifications. In such a way, the thinking about Ethnoarchaeology is not only a contribution to interpret the past through the present, but also a possibility to interpret the present with a historical perspective, by contemplating the past.

So, Ethnoarchaeology is one of the forms to make history of the aboriginal peoples from the northeastern segments of Brazil an approach that deals with the contact of those peoples as civilized ones. It is believed that the northeastern aboriginal peoples had their customs and ethno-racial traces modified by the concentration of diverse ethnicities. Another historiographic perspective emphasizes the ... economic and political aspects,

and conflicting interethnic relations. In that last approach the interethnic frictional concept takes into consideration the aboriginal issue as motivation to think the national society, through the presence in some “bothering way” of the tribal groups” (Robert Cardoso de Oliveira). In this aspect, the aborigine was a sociological indicator for those who studied the national society, its expansionist process and its fight for the development.

The study of interethnic contact constituted a more original contribution of anthropology made in the country. The transformation of this concern in a genuinely academic subject occurred in the decades of 1950 and 1960 with the studies of Darcy Ribeiro, who centered his object in the direction of the aboriginal which later received a form of a special theoretical review by Robert Cardoso de Oliveira with the interethnic frictional notion. Today, the works that deal with the trajectory of the north-eastern aboriginal peoples have continuity in the studies carried through by Pacheco de Oliveira on territorialization. Antonio Carlos de Souza deals with the aboriginal affairs as set of related ideas concerned to the insertion of aboriginal peoples in national State.

In the case of the proposal for this research, it is intended to investigate the processes of the interethnic friction of the settled Paiaias in Purificação village, in Irará so that an ethnoarchaeological analysis could be done. Thus, an analysis of the archaeological certifications will be done through the appreciation of the past, all over the second half of the seventeenth, when the Dutch were banned, The Paiaias got into conflicts with the colonizers. Thus, it will be investigated how the first hinterlanders entered that region and how they dominated the native Paiaias⁹. According to Luiz Henrique Tavares, Irará initially was tamed in 1553, when D. João III donated to Antonio Guedes de Brito some lands that enclosed great part of the hinterland of Bahia. In this period, the biggest interest of the Portuguese crown was the territorial expansion of its domination and the necessity “to domesticate” and to make alliances with the aboriginals, aiming at the military objectives. The entrances of Antonio Guedes

mais tarde recebeu uma espécie de polimento teórico de Roberto Cardoso de Oliveira com a noção de fricção interétnica. Hoje, os trabalhos que tratam da trajetória dos povos indígenas no Nordeste têm continuidade nos estudos realizados por Pacheco de Oliveira sobre territorialização. Antônio Carlos de Souza trata do indigenismo como conjunto de ideais relativos à inserção de povos indígenas em estado nacional.

No caso desta proposta de pesquisa, pretende-se investigar os processos de fricções interétnicas dos paiaias aldeados na Aldeia da Purificação, em Irará, por meio de uma análise etnoarqueológica. Desta forma, far-se-á uma análise dos testemunhos arqueológicos por meio da apreciação do passado, sobretudo da segunda metade do século 17, quando, depois da expulsão dos holandeses, os paiaias entram em conflito com os colonizadores. Assim, será pesquisado como se deram as primeiras entradas dos sertanistas nesta região e como eles dominaram os povos indígenas,¹⁰ neste caso, os já citados paiaias.¹¹ Segundo, Luiz Henrique Tavares, Irará foi inicialmente desbravada em 1553, quando Dom João III doou a Antônio Guedes de Brito¹² terras que abrangiam grande parte do sertão da Bahia. Nesse período, o maior interesse da Coroa Portuguesa era a expansão territorial de seus domínios e a necessidade de “domesticar” e realizar alianças com os indígenas, visando quase sempre aos objetivos militares. As entradas de Antônio Guedes de Brito promoveram a conquista definitiva das terras, uma vez que ele foi invadindo aldeias indígenas, dizimando índios, ou fazendo-os fugir para o interior, longe da civilização.

¹⁰ HEMMING, John. “Os índios e a fronteira no Brasil colonial”. In BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina colonial*. Trad. de Mary Amazonas Leite de Barros e Magda Lopes. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 1999.

¹¹ TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: UFBA, p. 25, 1974.

¹² Esse foi o fundador da Casa da Torre, que adentrou o sertão baiano com o objetivo de obter crescentes lucros através da exploração de sesmarias e expansão de seus currais. Esse desbravador trilhou os seguintes caminhos: saindo de Itapagipe e passando em seguida por Itapoan estabeleceu-se em Tatuapara, em 1560, região de Mata de São João, dali penetrando nos vales do Itapicuru e do Rio Real. Os Ávilas promoveram expedições armadas em toda mesorregião do nordeste da Bahia, onde promoveram guerra contra os índios e obtiveram em recompensa, grandes sesmarias, nas quais se expandiriam também os seus rebanhos. TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. Salvador: UFBA, 1974.

⁹ HEMMING, John. “The indians and the border in colonial Brazil”. In BETHELL, Leslie (org.). *History of colonial Latin America*. Trad. of Mary Amazon Leite de Barros and Magda Lopes. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 1999.

2. O Projeto da Colonização em Irará

Conforme documentos do período, o bandeirantismo teve espaço na região de Irará e promoveu a redução do número de habitantes indígenas nas áreas desbravadas. De tal modo, o processo de povoamento foi caracterizado por grandes vazios demográficos, sobretudo devido ao extermínio de indígenas.¹³ Os bandeirantes legitimaram seus domínios mediante o processo de extermínio dos povos indígenas e os sertanistas penetraram o sertão com a missão de amansar o gentio.¹⁴ Para a exploração colonial avançar, foi preciso expulsar os seus antigos moradores para instalar vilas, currais e fazendas. Durante as décadas de 50, 60 e 70 do século 17, foram organizadas circulações de pessoas para o sertão, visando ao combate aos povos indígenas. Nesse período, a ideia de desbravamento construiu a definição do espaço que não era conhecido pelos colonizadores como sertão.¹⁵

Entre os séculos 17 e 18 ocorreram os deslocamentos da criação de gado do litoral para o interior. Esta ação nasceu graças às pressões exercidas em torno da organização da colônia como um todo. O governador Tomé de Sousa propôs a separação das duas maiores atividades econômicas da colônia: a produção da cana-de-açúcar e a pecuária. Assim, ele proibiu a criação de gado a menos de 10 léguas do litoral, em 1701.¹⁶ A Zona da Mata foi destinada ao plantio da cana-de-açúcar e o sertão ficou reservado à pecuária. Depois desse ajuste, o gado foi deslocado para regiões interioranas, distantes daquelas destinadas ao cultivo da cana. Devido a isso, os colonizadores foram em busca da conquista das terras do sertão, terras que já eram ocupadas por muitas tribos indígenas, dentre elas os paiaias, muito comuns na região de Irará.

Com a expansão da pecuária, a colonização seguiu sertão adentro em busca de terras para a instalação de currais de gado. Deste modo, novas entradas foram abertas. Depois que a pecuária passou a ser especificamente desenvolvida no sertão, foram concedidas sesmarias para impulsionar a criação de gado.

¹³ ANDRADE, Maria Celeste Pacheco. *Origens do povoamento de Feira de Santana: um estudo de história colonial / Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia*. Salvador: [s.n.], 1990.

¹⁴ PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ ABREU, J. Capistrano de. 1930. *Caminhos antigos e povoamento do Brasil*. Sociedade Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro.

de Brito¹⁰ promoted the definitive conquest of the lands, by invading the aboriginal villages, killing indians, or making them run away to the interior, far from the civilization.

2. The Project of the Settling in Irará:

According to documents of the period, the exploring fronts called *pioneering* had space in the region of Irará and promoted the reduction of the number of aboriginal inhabitants in the conquered areas. In such way, the inhabiting process was characterized by great areas of demographic emptiness. There were several episodes of native killings¹¹ all over the State. The explorers legitimized domains through the process of extermination of the aboriginal peoples; the hinterlanders had penetrated the hinterland with the mission to tame the aboriginals¹². In order to advance the colonial exploration in the hinterland, it was necessary to banish the old inhabitants and to install: villages, cow pens and farms. During the 50s, 60s and 70s of the seventeenth century, group of colonizers were organized and sent to the hinterland, aiming at the domination of the aboriginal peoples. In this period, the idea of dominating them led to the colonizer's construction of the term, hinterland, as the definition of the spaces occupied by the aboriginal peoples that had not been previously discovered.

Between seventeenth and eighteenth centuries cattle raising moved from the coastline to the inner lands. That action was based on pressures derived from the organization of the colony as a whole. Tomé de Souza, the governor, proposed the sepa-

¹⁰ This was the founder of the House of the Tower, that reached the Bahian hinterland with the objective to get increasing profits through the exploration of sesmarias and expansion of its cattle pens. This explorer reached the following ways: Itapagipe, Itapoan and established in Tatuapara, in 1560, region of Mata de São João, from there he went into the valleys of the Itapicuru and the Real River. The Ávilas had promoted armed expeditions in all northeast mesoregion of Bahia, where they promoted war against the aborigines. In exchange they had gotten in rewards, great amount of sesmarias, in which they would also expand its flocks. TAVARES, Luis Enrique Dias. *History of the Bahia*. Salvador: UFBA, 1974.

¹¹ ANDRADE, Maria Celeste Pacheco. *Origins of the settlement of Feira de Santana: a study of colonial history/Dissertation (Master's) - Federal University of Bahia*. Salvador: [s.n.], 1990.

¹² PRADO JR., Caio. *Formation of Contemporaneous Brazil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ration of the two bigger economic activities of the colony as follows: the production of sugar cane and cattle raising. Thus, it was forbidden to raise cattle less than 66.000 meters away from the coast, in 1701¹³. The Zona da Mata was chosen for the plantation of the sugar and the cattle was supposed to be raised in the hinterland. After that adjustment, the cattle were moved from the province to distant and inner regions far from those destined for the cultivation of the sugar cane. For that reason, the colonizers went into the interior lands so that they could conquer the lands of the hinterland. However, those lands already belonged to many of the aboriginal tribes, amongst them being the Paiaiaís, who were very common in the region of Irará.

With the expansion of the cattle raising, the process kept going on into the hinterland in the search of lands for cattle raising. In this way, new trails had been opened. Once the cattle raising started to be developed specifically in the hinterland, some blocks of land were granted as *sesmarias*, a system to stimulate the cattle raising. The *sesmarias* were lands with extensions as long as up to 26.400 meters. Those blocks of land had been donated to white men, especially of European origin. From the primitive *sesmarias* some small crops started to be cultivated little by little, cow pens and dwellings. Slowly, the lands became very well inhabited and busy and the people created roots there, working on the cattle and the agriculture.

Over the years, Guedes de Brito (the hinterlander who had explored the region of Irará) had given up encouraging others to use great blocks of land in his domains, as did other sesmeiros, that is, white owners of wide portions of blocks of lands in the two first centuries of the settling. In fact they had never come to know and touch their properties.

As Erivaldo Fagundes Neves¹⁴, Guedes de Brito's family had an immense property that had been granted by the crown. In addition, they had gotten territorial extensions of land gotten by force and by servile domination. As a result of this process, the property formed the family's first property, which was instituted by will in the seventeenth century by

As *sesmarias* eram terras com extensões de até quatro léguas. Essas terras foram doadas para homens brancos, especialmente os de origem europeia. Das primitivas *sesmarias* foram aos poucos aparecendo roças, engenhos, currais e moradas. Lentamente, as terras foram ocupadas e as pessoas se radicando ali, dedicando-se à pecuária e à agricultura.

Com o passar dos anos, Antônio Guedes de Brito, o sertanista que desbravou a região de Irará, havia deixado de promover a utilização de grandes áreas de seus domínios, bem como vários outros sesmeiros brindados com largas porções de terras nos dois primeiros séculos de colonização, os quais sequer haviam chegado a tocar o solo de suas propriedades.

Conforme Erivaldo Fagundes Neves,¹⁷ a família Guedes de Brito possuía uma imensa propriedade de terra que fora concedida pela Coroa, e mais extensões territoriais conseguidas à força e por dominação servil. Por decorrência desse processo, a propriedade formou o morgado da família Guedes de Brito, o qual fora instituído por testamento no século 17 por Antônio de Brito Correa e sua esposa, Maria Guedes, sendo transmitido ao seu herdeiro Antônio Guedes de Brito. Nesse contexto, João Lobo Mesquita recebeu por cessão do proprietário da sesmaria “Casa da Ponte” uma grande área de terras, povoando-a com gado, escravos e moradias, abrindo a “estrada de boiadas” para o sertão. Em 1650, João Lobo de Mesquita concedeu parte de suas terras situadas entre Jacuípe e Água Fria a João Peixoto Viegas. Essa região abrangia, dentre outros o município de Irará.

Na carta de concessão da sesmaria, que foi doada a João Peixoto Viegas, evidenciam-se detalhes sobre os compromissos entre as partes: sesmeiro e doador. Também aparecem aspectos a respeito das propriedades, tais como os limites geográficos, a fertilidade das terras, se estão na região de caatinga, se são habitadas por brancos ou por gentios (índios da tribo paiaiaí), como também cita as riquezas naturais presentes nessas terras, a exemplo de rios:¹⁸

¹⁷ NEVES, Erivaldo Fagundes. *Da Sesmaria ao Minifúndio* (um estudo de história regional e local). Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia; Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.

¹⁸ BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). *Documentos históricos [Tombo das Cartas de Sesmarias do Rio de Janeiro dadas por Cristóvão de Barros (1573-74) dadas por Salvador Correia de Sá (1578-79)]* / Biblioteca Nacional. Vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Dep. Nacional do Livro, 1928.

¹³ ABREU, J. Capistrano de. 1930. Old ways and settlement of society in Brazil. Capistrano de Abreu. Rio de Janeiro.

¹⁴ NEVES, Erivaldo Fagundes. *From Sesmaria to Minifúndio* (study of a regional and local history). Salvador: Publishing company of Federal University of Bahia; Feira de Santana: State University of Feira de Santana, 1998.

João Peixoto Viegas Senhor Possuidor das terras da Agoa Fria Itapororocas Jacuibe Velho que hummas e outras São hereos vizinhas dos Tocós [...] vizinhas das dos Tocós e Pinda em Razão de não Sabermos aonde fin 25 da alias Sabermos aonde Chegão e acabão entre nos as ditas terras temos duvida parecendo a cada qual que nos entrarmos e tomamos hum ao outro. Viemos a Com cordarmo nos e acordamos amigavelmente por Conservarmos nossa antiga e boa amizade e evitar o trabalho e gasto de demarca das entre nos e nossos herdeiros conviemos e acordamos que a presente digo que a partir e Sorte das Terras dos Tocóz e Pinda se me fez a primeiro Seguindo a data 15 della pela forma que se diz e se marca a Provizão da Sua Sesmaria e Se ponhão marcas e Signais que Serão para Sempre de divizão com 20 as terras de Agua fria Itapororocas e Rio Jacuibe velho que tem a Sismaria de mim João Peixoto Viegas porquanto as ditas 25 terras de Tocóz e Pinda ficão ao Norte do dito Rio e Itapororocas Água Fria [...] ¹⁹

De acordo com este documento, nota-se que João Peixoto Viegas recebeu a sua sesmaria, a qual era composta pelas seguintes localidades: Água Fria (na qual o município de Irará estava inserido na época) e Itapororocas, (Feira de Santana e Jacuípe) que abrange toda a microrregião de Feira de Santana.

A carta de concessão de sesmarias de 3 de julho de 1655 faz referências aos perigos da região promovidos pela luta com os indígenas. Nessa mensagem destaca-se a ameaça de assaltos e morte de escravos no confronto com os indígenas.²⁰ É possível observar nas entrelinhas dessas informações que os donos dos currais não respeitavam as terras dos antigos habitantes da região, uma vez que podiam deixar o boi solto, e este acabava por invadir o espaço natural do nativo. Logo, o homem branco invadia o espaço cultural dos indígenas. Essa dupla ação deu origem a muitos conflitos entre portugueses e indígenas. Quando os nativos atacavam o gado, os vaqueiros reagem e o conflito, muitas vezes, terminava desfavorável para os antigos donos do sertão. Por causa desse fator, nos séculos 16 e 17, as regiões do sertão da Bahia foram palcos de grandes conflitos envolvendo índios e brancos colonizadores.²¹

¹⁹ O texto está no original, sem revisão pela ortografia atual.

²⁰ *Provisões, alvarás e sesmarias*. Rio de Janeiro, Tipografia Monroe, p. 170, 348-349.1930 (Documentos Históricos, série 16, Biblioteca Nacional. Vol. 18).

²¹ GALVÃO. Mons. Renato de Andrade. *Os povoadores da região de Feira de Santana*. Manuscritos do Livro de memória da região de Feira de Santana. Museu Casa

Antonio de Brito Correa and his wife Maria Guedes being transmitted to her heir Antonio Guedes de Brito. In this context, João Lobo de Mesquita received by cession of the proprietor of sesmaria “Casa da Ponte” a great land area, populating it with cattle, slaves and housing, opening “cattle roads” into the hinterland. In 1650, João Lobo de Mesquita granted part of his lands situated between Jacuípe and Água Fria and João Peixoto Viegas. This region enclosed, amongst others, the city of Irará.

In the letter of concession of the sesmaria that it was donated to João Peixoto Viegas, there is evidenced of the details relating to the commitments between the two parts: sesmeiro and donator. In that letter some aspects regarding the properties is also shown, such as: the geographic limits, the fertility of lands, if the lands are in the region of caatinga, if they are inhabited by whites or by natives (indians of Paiaia’s tribe), in addition to, the letter mentions the natural richness in those lands, say, the rivers¹⁵:

João Peixoto Viegas, “Mr. Possessor” of the lands of Água Fria, Itapororocas Jacuibe Velho affirmed that some others are neighbors of the neighboring Tocós [...] of the Tocós and Pinda for not knowing the end of them...25... where those lands begin and end. So there have been some doubts about their lenth it seems that each one of us entered the other’s block of land. We came to have an agreement in a friendly way in honor of our old and good friendship and to prevent the work and expense of demarcating to be wasted. Therefore we agree with this demarcation so that our heirs may possess them legally. I say at this present moment that Sorte das Terras dos Tocóz e Pinda have been demarcated on this very date of 15 of the current month and that those lands should be marked and signalized up to Água Fria, with 20 blocks and Itapororocas and Rio old Jacuibe with 25 all of them donated to me by João Peixoto Viegas. Tocóz and Pinda will be located to the North of Rio Jacuípe and Itapororocas and Água Fria...]

Based on this document, it is observed that João Peixoto de Freitas received his sesmaria, which was

¹⁵ BIBLIOTECA NACIONAL (BRAZIL). Historical documents [Register of the Letters of Sesmarias of Rio de Janeiro given by Cristóvão de Barros (1573-74) given by Salvador Correia de Sá (1578-79)] / Biblioteca Nacional. Vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1928. Provisions, licenses and sesmarias. Rio de Janeiro, Monroe Typography, p. 170, 348-349,1930 (Historical Documents, series 16, Biblioteca Nacional. Vol. 18).

composed by the following localities: Água Fria (where the town of Irará was inserted at the time), Itaporocas (Feira de Santana and Jacuípe which encloses the micron-region of Feira de Santana).

The letter of concession of sesmarias dated July 3, 1655 makes reference to the dangers of the region promoted by the fights with the aboriginals¹⁶. In this message it is distinguished threats from assaults and death of slaves in the confrontation with the aboriginals. It is possible to observe between the lines that the information that the owners of the cow pens did not respect the lands of the old inhabitants of the region, since they set the cattle free in the wild and this destroyed the natives' crops, for the cattle invaded the natural space of the natives. Soon, the white man invaded the cultural space of the aborigines. This double action brought many conflicts between the Portuguese and aborigines. When the natives attacked the cattle, the cattle tenders reacted and the conflict many times ended up in disadvantages to the old owners of the hinterland. On account of this factor, in sixteenth and seventeenth centuries, the regions of the hinterland of Bahia were the scenery of great conflicts involving Indians and white colonizers¹⁷.

March 20, 1676, João Peixoto de Freitas executed a petition to the Portuguese Crown, requesting the support to fight the aboriginals of that region¹⁸. When João Peixoto de Freitas reached the hinterland the Jesuits had already occupied that place, specifically the region of Irará. The Priest who was in charge of this mission was P. Antonio Pinto. After the concession of sesmarias occurred, the Jesuits reacted, once the governor Tomé de Souza, granted lands which had already been occupied.

At that time, the Indians were found in abun-

Em 20 de março de 1676 João Peixoto Viegas executou uma petição à Coroa Portuguesa, solicitando o apoio para combater os indígenas desta região.²² Quando Peixoto Viegas adentrou o sertão os jesuítas já ocupavam este lugar, especificamente a região de Irará. O padre que comandou esta missão foi Antônio Pinto. Depois que ocorreu a concessão das sesmarias supracitadas, os jesuítas reagiram, uma vez que o governador Tomé de Sousa concedeu terras, as quais já eram ocupadas.

Nessa época, os índios eram encontrados em abundância nos sertões, e constituíam a mão de obra preferencial das fazendas do lugar. Porém, contrariamente ao que se pensava, a população autóctone não figurava como maioria dos trabalhadores, ao menos em certas partes do interior nordestino. A população nativa passou por intenso processo de mudança de sua representação social: de “donos da terra, os indígenas passaram a ser considerados invasores, gentios, bárbaros e preguiçosos, para depois se tornarem em vadios, facínoras e vagabundos. Os povos colonizadores tratavam os indígenas genericamente como o “gentio bárbaro”. Os indígenas “animalizados” viviam como servos, vítimas de toda a sorte de arbitrariedades cometidas pelos latifundiários, estes sempre acobertados pela proteção dos policiais e políticos. Do mesmo modo, a violência física foi naturalizada, o estigma e o preconceito denegriram a imagem dos nativos e dos seus descendentes perante a sociedade, e ainda hoje permanecem como cultura inferior.²³

Nesse período foram desencadeados conflitos entre jesuítas e curraleiros, uma vez que foram concedidas sesmarias a particulares dentro das quais ficavam homens indígenas (vistos como não civilizados), que não compreendiam a razão por que outros homens invadiam as suas terras e colocavam nelas currais, dificultando-lhe a própria subsistência. Não tendo noção de propriedade, muitos grupos indígenas atacavam o gado criado solto nas fazendas pelo fato de enxergarem como a caça, algo que fazia parte da natureza. Assim, os indígenas exerciam fortes ameaças para os colonos, uma vez que atacavam as vilas, plantações e fazendas dos moradores.²⁴ Esta prática causava

do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana.

²² LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 tomos, Lisboa: Liv. Portugalia, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Liv. Civilização Brasileira, 1938-1950.

²³ *Idem*.

²⁴ GALVÃO, Mons. Renato de Andrade. *Os povoadores da região de Feira de Santana*. Manuscritos do Livro de memória da região de Feira de Santana. Museu Casa

¹⁶ PROVISIONS, licenses and sesmarias. Rio de Janeiro, Monroe Typography, p. 170, 348-349, 1930 (Historical Documents, series 16, Biblioteca Nacional. Vol. 18). LIMA, Zélia de Jesus. Lucas Evangelista: Lucas da Feira. Studies on the Enslaved Revolt in Feira de Santana/1807-1849. Dissertation (Master's). UFBA, Salvador, 1990. Correspondence of the Council of Feira de Santana for the presidency of the province. Pile number 1.309; Year 1834 doc. Number 04-11/01/1834-APEBBA.

¹⁷ GALVÃO, Mons. Renato de Andrade. The settlers of the region of Feira de Santana. Manuscripts of the Book of memory of the region of Feira de Santana. Hinterland House Museum. State University of Feira de Santana.

¹⁸ LEITE, Serafim. History of the Company of Jesus in Brazil. 10 volumes, Lisbon: Portugalia, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Civilização Brasileira, 1938-1950.

grandes transtornos aos curraleiros, e denúncias a este respeito eram recorrentes na época. A maior parte da documentação pesquisada faz referências aos perigos que os indígenas ofereciam a essas regiões do sertão baiano, já que representavam uma assustadora e constante ameaça de ataque.²⁵

O aldeamento da Purificação, atual Irará, era oficialmente o abrigo dos indígenas e escravos que viviam sob o comando dos padres. No entanto, do século 18 até o final do século 19, esses espaços tiveram outros fins. Muitos negros e mestiços livres passaram a utilizar e ocupar as antigas terras que pertenciam aos indígenas. Vários deles passavam a viver sob o comando das regras dos missionários católicos e, em troca, recebiam terras para trabalhar.²⁶ Esses sujeitos não indígenas utilizavam as instalações dos aldeamentos visando a uma sobrevivência mais tranquila que a do cativo nas fazendas. Assim, aproveitavam o máximo que os aldeamentos podiam oferecer: terras, abrigo, ferramentas, armas, alimentos etc.²⁷ Com isso, o índice populacional aumentava nas regiões aldeadas.

Em 1786, a freguesia de Água Fria, da qual o aldeamento da Purificação fazia parte, registrava os seguintes números relativos à quantidade de habitantes:

Tabela 1 Censo da população de Água Fria, em 1786

Casais de índios aldeados	32
Livres	527
Escravos	469
Pardos livres	289
Forros	101
Índios	72
Total de sujeitos	1.490

Naquela vila existiam 527 homens livres, 469 escravos, 101 forros, 72 índios aldeados e apenas 4 morando nas fazendas. Esse censo, cujos dados são mais precisos, permite perceber que grande parte dos pardos livres (ao todo 289) eram filhos de pardos forros. O segundo censo consta que, em Água Fria,

do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana.

²⁵ *Idem.*

²⁶ GALVÃO, Mons. Renato de Andrade. *Os povoadores da região de Feira de Santana*. Manuscritos do Livro de memória da região de Feira de Santana. Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana.

²⁷ SILVA, Arnold. *Jornal Folha do Norte*. Feira de Santana, 11 de agosto, 1939.

dance in the hinterland, and they formed a preferential work force for the farms of the area. However, in contrast, the aboriginal population did not seem to be the majority of the workers, at least in certain parts of the northeastern inner lands. The native population went through an intense process of changes in their social representation: from “owners of the land, the aborigines had changed into those to be considered as invaders, barbarous and sluggish, and later they became lazy, criminals and vagabonds. The colonizers treated the aborigines generically as the “heathen barbarian”. “The animalized” aborigines lived as servants, as victims of all kinds of arbitrary acts committed by the big farm owners who were always protected by the policemen and politicians. In a similar way, the physical violence was normalized, the stigma and the preconception denigrated the image of the natives and its descendants before the society, and still today they remain as part of an inferior culture¹⁹.

In that time, there were several conflicts between Jesuits and cattle farmers, once some sesmarias which had been granted to those farmers had already been inhabited by aborigines (seen as not civilized), on the other hand, those aboriginals did not understand the reason why other men invaded their lands, and placed them in corrals, making it difficult for the aborigines’ own subsistence. Lack of understanding made a lot of aboriginal attack the cattle on the farms just as a natural activity of hunting. Thus, the aboriginals were seen as threats for the colonists, as they attacked villages, plantations and farms of the inhabitants around them. This practice caused great upheavals to the cattlemen and denunciations to this respect were recurrent at that time. Most of the searched documentation refers to the dangers that the aboriginals offered to these regions of the Bahian hinterland, since they represented a frightful and constant threat of attack²⁰.

Purificação settling (current Irará) was officially the shelter of the aboriginals and slaves who lived under the command of the priests. However, from eighteenth century until the end of nineteenth, these spaces had had other destinies. Many free blacks and mestizos had started to use and to occupy the old lands that had belonged to the aboriginals. Several of them started to live under the rules of the catholic missionaries and, in exchange for being tamed and

¹⁹ *Idem.*

²⁰ *Idem.*

evangelized, they received lands to work²¹. These people who were not aboriginal, but free blacks, used the installations of the settling aiming at to a calm survival and very different from what they were used to as slaves on the farms. Thus, they took advantage at the most they could in the settling, they were offered things like: lands, shelter, tools, weapons, foods, etc²². For this reason, the population index increased in the settling regions. In 1786, the population in Água Fria, of which the settling of Purificação was a part, registered the following relative numbers to the amount of inhabitants:

Table 1 Sense of the Cold Water population, in 1786

Couples of settled Indians	32
Free blacks	527
Slaves	469
Free brownish people	289
Forros	101
Indians	72
Total of Citizens	1490

In that village, there were 527 free men, 469 settled slaves, 101 Forros, 72 indians and only 4 of them on the farms. That census, whose data are more precise, allows us to perceive that great part of the free brownish (in all 289) were children of Forros descents. The second census in Água Fria, has a similar ratio, consisting of 381 black captives, in a total of 469. On this conjuncture, Stuart Schwartz demonstrated that, between 1778 and 1798, there were 2844 captives all over the hinterland. Amongst the African nations that came to the hinterland, the following ones had received greater emphasis: Angolas, Benguelas and Congos (counting 2163 people), followed by the mines, nagôs and jejes.

At the end of the seventeenth eighteenth, the Purificação settling started to have a numerous population. Many times, the numbers of the blacks and the settled ones were greater than that of the white population. On the other hand, some white citizens also disputed the settlement of this region,

²¹ GALVÃO, Mons. Renato de Andrade. The settlers of the region of Feira de Santana. Manuscripts of the Book of memory of the region of Feira de Santana. Hinterland House Museum. State University of Feira de Santana.

²² SILVA, Arnold. *Jornal Folha do Norte*. Feira de Santana, August 11, 1939 APEB, Historical Section, Letters to the Government, pile 242. SCHWARTZ, Stuart B. *internal Secrets: devices and slaves in the colonial society, 1550 - 1853*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

a proporção era semelhante, constando de 381 cativos pretos, em um total de 469.²⁸

No final do século 18, o aldeamento da Purificação passou a possuir uma população numerosa. Muitas vezes, o número de negros e de aldeados era maior que o da população branca. Por outro lado, alguns sujeitos brancos também disputavam essa região, visando à implantação de currais de gado. A partir daí, passaram a existir muitas revoltas entre os curreiros e os índios. Os conflitos surgidos a partir do processo de colonização foram resultado direto da escravização imposta aos indígenas e da expropriação de suas terras pelos agentes coloniais.

Um dos momentos de maior intensidade desses conflitos deu-se em 1687, quando diversos povos indígenas formaram aliança e se lançaram em ofensiva contra os colonizadores. Nessas situações, os indígenas saqueavam e tocavam fogo em fazendas, bem como invadiam as propriedades dos homens brancos.²⁹ Documentos oficiais mostram que nesse período passaram a existir muitas comunidades de quilombos em Irará. Essas estratégias de resistência eram montadas pelos negros fugidos que encontravam apoio nas regiões próximas das vilas e dos aldeamentos.

Os jesuítas permaneceram na região de Irará até 1759. A partir do supracitado ano, foram confiscados os bens da Companhia em toda a colônia, pois o Marquês fez publicar uma lei que dava os jesuítas como “desnaturalizados, proscritos e exterminados” em Portugal e nas colônias. Nesta ação contra os religiosos, foram processadas as deportações de alguns jesuítas para os Estados Pontifícios.³⁰ A expulsão dos jesuítas foi decorrente de uma série de disputas por poder, privilégios e riqueza, entre eles os grandes proprietários de engenhos, fazendas de cana, habitações e escravos que representaram uma grande riqueza e proporcionaram um enorme poder político.

Com a expulsão dos jesuítas da colônia, aumentaram as buscas por terras na região do sertão da Bahia. Eram vários os conquistadores que passaram a ocupar essa região. Entre a

²⁸ APEB, Seção Histórica, Cartas ao Governo, maço 242.

²⁹ GALVÃO, Mons. Renato de Andrade. *Os povoadores da região de Feira de Santana*. Manuscritos do Livro de memória da região de Feira de Santana. Museu Casa do Sertão. Universidade Estadual de Feira de Santana.

³⁰ *Idem*.

segunda metade do século 17 e o início do século 18, os colonizadores, que consistiam em um acoplado de guerreiros e que viviam em arraiais, transformaram-se em curraleiros.

Aos poucos, as terras de Irará iam recebendo uma nova demarcação. Assim, os fazendeiros foram anexando mais terras ao seu domínio, sobretudo, as terras que pertenciam à Companhia de Jesus, implantando fazendas e currais de gado.³¹ Com a expulsão dos jesuítas, ocorreu a criação de vilas e a incorporação dos contingentes indígenas à população colonial, que não só dificultavam a manutenção das terras designadas, como pareciam dar suporte às declarações acerca da inexistência de indígenas “puros”. Ou seja, seria preciso demarcar os indígenas puros, a fim de garantir a continuidade de sua estrutura social. Com isso, os negros que viviam nesses espaços também passaram a ser perseguidos.

As populações de escravos nos aldeamentos assustavam os colonizadores. O sertanista João Peixoto Viegas, em cartas enviadas ao governador da Bahia, destaca a ameaça de assaltos e morte de escravos no confronto com os indígenas.³² Pode-se observar, nas entrelinhas dessas informações, que os donos dos currais não respeitavam as terras dos antigos habitantes da região. Dessa forma, é possível concluir que a presença de negros fugidos na região pesquisada avançou proporcionalmente ao avanço da conquista colonial.

Durante os anos de 1839 a meados de 1841 a microrregião de Feira de Santana foi intensamente tomada por movimentos de escravos, que circulavam para além das matas férteis e invadiam o interior das vilas.³³ A câmara de Feira de Santana informou ao presidente da província sobre a existência de escravos fugidos reunidos em quilombos: “aquelas terras eram comumente frequentadas por escravos fugitivos e quilombolas, que ali vão se refugiar se nutrindo do ócio do crime ou no crime inclusive penetrando nos meios indígenas em suas perpetuas vadiagens, para isolar-se...”³⁴

³¹ *Idem*.

³² *Provisões, alvarás e sesmarias*. Rio de Janeiro, Tipografia Monroe, p. 170, 348-349.1930 (Documentos Históricos, série 16, Biblioteca Nacional. Vol. 18).

³³ LIMA, Zélia de Jesus de. *Lucas Evangelista: O Lucas da Feira. Estudos sobre a Rebelião Escrava em Feira de Santana/1807-1849*. Dissertação de Mestrado. UFBA, Salvador, 1990.

³⁴ Correspondência da Câmara de Feira de Santana para a Presidência da província. Maço número 1.309; Ano 1834 doc. Número 04-11/01/1834-APEBBA. (Mantida a grafia da época.)

aiming at the implantation of cattle corrals. From then on, many revolts between cattlemen and Indians started to exist. The conflicts emerging from the settling process had been the direct results of the slavery system imposed to the aborigines and from the expropriation of the slaves' lands by the colonizers. The year 1687 was one of the most intense moments of that time which generated a lot of conflicts. That was when diverse aboriginal peoples had formed alliances and launched themselves in an offensive against the colonizers. In these cases, the aborigines pillaged and touched fire to farms, and invaded the properties of the white men. Official documents show that, in this period, many communities of quilombos started to appear in Irará. These strategies of resistance were organized by the run-away blacks that found support in the regions next to the villages and the settling.

The Jesuits had remained in the region of Irará up to 1759. From the above-mentioned year, the goods of the Company in all had been confiscated all over the colony, therefore, the Marquis, passed a law that determined that the Jesuits should be considered “disnaturalized, prohibited and exterminated” from Portugal and from the colonies. In this action against the religious people, the deportations of some Jesuits to the Pontifical States had been processed. The expulsion of the Jesuits was due to a series of disputes for power, privileges and wealth, among them were the great proprietors of sugar cane machinery and devices, sugar cane farms, habitations and slaves who had represented a great wealth and had provided an enormous political power. With the expulsion of the Jesuits of the colony, they had increased the searches for lands in the region of the hinterland in Bahia. There were several conquerors who had started to occupy this region. Between the second half of seventeenth century and the beginning of XVIII one, the colonizers, that consisted of a mixed group of warriors and those who lived in small villages, had been changed into curraleiros.

Little by little, the lands of Irará went on receiving a new landmark. Thus, the farmers kept conquering and adding more lands to their domain, over all, the lands that belonged to the Company of Jesus, which implanted farms and corrals of cattle. With the expulsion of the Jesuits, the creation of villages occurred as well as the incorporation of the aboriginal contingents to the colonial population. That not only made it difficult for the maintenance

of assigned lands, as they seemed to give support to the declarations concerning the inexistence of “pure” aborigines, but also it was necessary to demarcate the pure aboriginals, in order to guarantee the continuity of their social structure. By doing so, the blacks who also lived in these spaces started to be pursued.

The populations of slaves in the settlements scared the colonizers. The hinterlander João Peixoto de Freitas, in letters sent to the governor of Bahia, stresses the threat of assaults and deaths of slaves in the confrontation with the aborigines. It is noted, between the lines, that the owners of the corrals did not respect the lands of the old inhabitants of the region. So, it may be concluded that the presence of run away blacks in the searched region advanced proportionally the development of the colonial conquest.

During the years of 1839 and mid 1841, the micro-region of Feira de Santana was overwhelmed by movements of slaves, who moved and reached lands beyond the fertile forests and invaded the interior of the villages. The political chamber of Feira de Santana informed the president of the province about the existence of run away slaves who congregated in quilombos: “those lands were commonly visited by fugitive slaves and quilombolas, that went there to take refuge, nourishing themselves of doing nothing, but committing crime. They also mixed with the aboriginals and perpetuate a lazy and irresponsible way of living, in a way they ended up isolating themselves...” These free and poor men saw in the hinterland a type of mobile border recovered by an imagination of freedom. As Walter Fraga synthesizes:

The fact that the most powerful labor workers of the sugar farming had lived the experience of the slavery was decisive to define the contours of the daily relations that they had formed after the abolition. The experiences in the captivity had served as parameters for the free black men in defining that it was “just” and acceptable in the relation with the old white masters, including the establishment of the work conditions that they judged compatible with the new ones.

Thus, former-slaves went on exploring agricultural and urban areas, aiming at their freedom and to make it possible to have their personal interests realized. The citizens that had lived in this period

Esses homens livres e pobres viam no sertão uma espécie de fronteira móvel, que estava recoberta por um imaginário de liberdade. Como sintetiza Walter Fraga:³⁵

O fato de a maior parte dos braços da lavoura açucareira ter vivido a experiência da escravidão foi decisivo para definir os contornos das relações cotidianas que se formaram depois da abolição. As vivências no cativeiro serviram de parâmetros para os libertos definirem o que era “justo” e aceitável na relação com os antigos senhores, incluindo estabelecer condições de trabalho que julgavam compatíveis com a nova condição.

Dessa forma, os ex-escravos adentraram nos meios rurais e urbanos, buscando firmar sua liberdade e viabilizar seus interesses pessoais. Os sujeitos que viveram nesse período empreenderam uma luta pela sobrevivência, sobretudo pela satisfação das necessidades primárias, como a alimentação. Ocorreu a elevação dos preços dos produtos de subsistência como a farinha.³⁶ Enfim, indígenas passaram a dividir os espaços com os negros fugidos, das diversas origens étnicas e culturais. Os negros aquilombados encontravam solidariedade e auxílio nos parceiros indígenas. Os foragidos da lei encontram nesta mata um refúgio seguro, em que as mãos da justiça dificilmente os alcançaria. Dessa forma, a relação entre quilombos e comunidades indígenas, na região pesquisada, exerce certa aproximação.

Na segunda metade do século 19, as terras da região de Irará eram bastante cobiçadas por sujeitos negros, mulatos e brancos. Eles disputavam pelo destino das terras públicas que estiveram na dependência das províncias durante o Império e na dos estados a partir da República. Essas terras pertenciam aos jesuítas. Depois que os jesuítas saíram deste lugar, ocorreu um acelerado crescimento de busca por terras. No século 19, nos aldeamentos da Bahia, existiam oficialmente as seguintes estatísticas sobre o número de habitantes:³⁷

³⁵ FRAGA, Walter Filho. *Encruzilhadas da Liberdade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

³⁶ *Idem*.

³⁷ O documento transcrito abaixo é um instantâneo dos últimos aldeamentos de índios no Nordeste no século 19. Relatório da repartição dos negócios da agricultura, comércio e obras públicas apresentado à assembleia geral legislativa na primeira sessão da décima primeira legislatura pelo respectivo ministro e secretário de estado Manuel Felizardo de Souza e Mello. Rio de Janeiro. Typographia Universal de Laemmer – Rua dos Inválidos, 61 b, 1861.

[Abrantes], no município do mesmo nome, 230 almas, patrimônio arrendado pela câmara respectiva; [Massarandupió], no mesmo município, 320 almas, 115 fogos, terreno doado pelo [Morgado da Torre], que seus herdeiros vão reavendo; [Pedra Branca], no município da [Tapera], 235 almas, 78 fogos, da tribo dos [Cariris], patrimônio arrendado, mas os rendeiros pouco ou nada pagam; [Santo Antônio], no município de [Nazareth], 172 almas, 54 fogos da tribo dos [Sapucaias], terreno arrendado, mas de rendimento diminuto, tendo uma capela; [Prazeres], no município de [Jequiriçá], 104 almas, 27 fogos, terreno arrendado, capela arruinada; [Sacco dos Tapuios], no município de [Purificação], 180 almas, 82 fogos [...].³⁸

Assim, ocorreram várias lutas entre os sujeitos que projetavam a conquista e ampliação de seus domínios fundiários. A documentação consultada ressalta que a ocupação das comunidades quilombolas de Irará se processou pela conquistas de terras públicas.³⁹ Em 1850, com a criação da nova Lei de Terras, a divisão territorial desse município foi alterada. Depois da vigência dessa lei, todos os produtores seriam obrigados a cercar suas terras. O pequeno produtor familiar e/ou escravista, também teria a obrigação de construir cercas. Um dos domínios mais típicos do sertão baiano, as terras de Antônio Guedes de Brito, a Casa da Ponte, apresentava no Tombo de Terras feito em 1809, nada menos que 110 sítios pagadores de renda e 64 sob exploração direta;⁴⁰ pois, os altos custos da formação das cercas impossibilitaram muitos pequenos proprietários de cercarem suas terras. Os poderosos senhores fazendeiros e criadores de gado conseguiram, bem ao contrário do pequeno produtor roceiro.

Considerações finais

A região oeste do município de Irará, que foi ocupada pelas missões jesuíticas, sofreu fortes impactos com a criação da nova lei de terras, uma vez que as pessoas que moravam no lugar não possuíam documentos de terras, e também não tiveram condições de cercá-las. Com isso, homens de posses, possivelmente fazendeiros, passaram a cercar terras da região, gerando diversos conflitos. O Relatório da repartição dos ne-

had undertaken a fight for the survival, above all for the satisfaction of the primary necessities such as eating or feeding. Prices of the subsistence products went up, like the price of flour, for example. In other words, the aborigines started to share the spaces with the run away blacks, of diverse ethnic and cultural origins. The quilombolas blacks found solidarity and aid in the aboriginal partners. The outlaw ones found in this forest a safe shelter, where the hands of justice would hardly reach them. Thus, the relation between quilombos and aboriginal communities, in the searched region, necessitates a certain approach.

In the last half the nineteenth century, the lands of the region of Irará were sufficiently populated by black citizens, brownish and whites. They fought for the destiny of the public lands that had been dependent upon the provinces during Empire in one of the states from the Republic. These lands belonged to the Jesuits. Later, after the Jesuits had left this place, a remarkable increase for the search of lands occurred. In the nineteenth century, in the settlements of the Bahia, the following statistics on the number of inhabitants were registered officially:

[[Abrantes]], in the town of the same name, 230 souls, patrimony leasehold by the respective chamber; [[Massarandupió]], in the same town, 320 souls, 115 fogos, land donated by [[MORGADO DA Torres]], which its heirs may requires later on; [[Pedra Branca]], in the town of [[Tapera]], 235 souls, 78 fogos, of tribe of [[Cariris]], leasehold patrimony, but the tenants little or nothing heathen; [[Saint Antonio]], in the town of [[Nazareth]], 172 souls, 54 fogos of tribe of [[Sapucaias]], leasehold land, but of minimum income, having one chapel; [[Prazeres]], in the town of [[Jequiriçá]], 104 souls, 27 fogos, leasehold land, chapel ruined; [[Sacco dos Tapuios]], in the town of [[Purificação]], 180 souls, 82 fogos [...]

Thus, there were several fights between the citizens and those who projected the conquest and magnified their agrarian domains. The documentation used in this paper shows that the occupation of the quilombolas communities of Irará occurred through the public land conquests. In 1850, with the creation of the new Land Law, the territorial division of this town was modified. After the validity of this law, all the producers would be obliged to have fences around their lands so that they could be demarcated. The small farmer and/or slave masters,

³⁸ Vila da Purificação: atual Irará.

³⁹ ARQUIVO PÚBLICO DE IRARÁ. *Maços referentes aos processos civis*.

⁴⁰ *Tombo das Terras da Casa da Torre*. Annaes do Archivo Público da Bahia. Anno III, vols. IV, pp. 56-92. Ver também Calmon (1958: 135 e ss); e o testamento de García D'Ávila citado por Calmon: 222.

would also have to construct fences. One of the most typical domains of Bahian Hinterland, was the lands of Antonio Guedes de Brito, Casa da Ponte, showing in the Land Register, made in 1809, nothing less than 110 paying small farms which paid taxes and 64 were under direct exploration; therefore, the high costs of the fences had disabled many minor proprietors to put a landmark in their lands. In spite of the high costs to do it, the powerful white farmers and cattle owners could afford their fences easily.

Final considerations

The west region of Irará which was occupied by the Jesuit missions was strongly impacted with the creation of the new land law, as the people that lived in the place did not have any land documents, neither had they conditions to fence their lands. So, financially powerful men, possibly farmers, had started to fence any lands of the region, generating diverse conflicts. The report of the distribution of the businesses of agriculture, commerce and public services presented to the legislative general meeting in the first session of the tenth first legislature by the respective minister and secretary of state Manuel Felizardo de Souza e Mello, Rio De Janeiro of 1861, has the following information on Purificação settlements, current Irará: “the land donated by [[Count Da Ponte]], retaken violently...” Thus, the grasslands went on appearing through the delimitation surrounding them, in which, huge extensions of land are managed by the people who get a distinct land regimen of that which was based on the individual and private appropriation of the land, as the sesmarial system.

At last, this history is characterized by relations of interethnic friction caused by the contact between different ethnicities, which assumes a systematic character from a certain moment. That is, the interethnic system started to constitute itself from the moment when it created certain interdependence among the ethnic groups. It is this interethnic system, as a cultural corpus in permanent movement that this work intends to stress, in other words, the history of Purificação settlements, in Irará.

*English version: Gilcélia Santana Pires
(gilceliap@hotmail.com)*

gócios da agricultura, comércio e obras públicas, apresentado na assembleia geral legislativa na primeira sessão da décima primeira legislatura pelo respectivo ministro e secretário de estado Manuel Felizardo de Souza e Mello, Rio de Janeiro, 1861, tem as seguintes informações sobre os aldeamentos de Purificação, atual Irará: “o terreno doado pelo [Conde da Ponte], retomado violentamente...”. Assim, os pastos iam surgindo através da delimitação das cercas, em que por largos trechos, a população consegue impor um regime de terras distinto daquele baseado na apropriação individual e privada da terra, como o sistema sesmarial supunha.

Enfim, esta história caracterizada por relações de fricções interétnicas causou o contato entre etnias, o qual assume um caráter sistêmico a partir de certo momento. Ou seja, o sistema interétnico começou a se constituir a partir do momento em que se criou certa interdependência entre os grupos étnicos. É sobre este sistema interétnico, enquanto um *corpus* sociocultural em movimento permanente, que este trabalho pretende destacar a história do aldeamento de Purificação, em Irará.